

Ações Educativas que Viabilizam a Aprendizagem de Alunos Surdos em Geografia

Maria Gláucia de Souza dos Santos¹
Carmen Lourdes Freitas dos Santos Jacaúna²

RESUMO

O presente trabalho apresenta o resultado de uma pesquisa realizada por uma acadêmica surda e que, no âmbito de seu processo formativo como professora de geografia sentiu a necessidade de pesquisar abordagens metodológicas que facilitassem a compreensão de alunos surdos por temas e conceitos geográficos. O trabalho objetivou avaliar o potencial pedagógico das maquetes como materiais didáticos capaz de facilitar a aprendizagem de alunos surdos sobre transformações ocorridas no campo e na cidade. A pesquisa em uma abordagem qualitativa de caráter analítico descritivo, utilizou-se do desenvolvimento de uma sequência junto a alunos surdos da escola de Áudio Comunicação Padre Paulo Manna, localizada na cidade de Parintins, AM. Para levantamento de dados, realizou a aplicação de questionários com perguntas objetivas, aplicadas aos estudantes, afim de averiguar o grau de envolvimento e interesse dos estudantes pela aula e ao mesmo tempo, o nível de aprendizagem sobre o tema em estudo, utilizando a maquete como instrumento facilitador da aprendizagem. Os resultados apontam....

PALAVRAS-CHAVE: Aluno Surdo. Ensino de Geografia. Maquetes.

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

2 Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

1 INTRODUÇÃO

Quando se pensa em pessoa com deficiência e a reconhece como sujeito de direito, esse direito também se estende à educação. Assim, o que foi instituído pelas leis da educação inclusiva envolve todos os sujeitos e a estes devem atender conforme suas singularidades.

A Constituição Federal do Brasil de 1988 influenciou algumas diretrizes no âmbito educacional, estabelecendo o direito a educação para todos. No artigo nº 205 desse texto, encontramos o comprometimento do Estado Federal em promover a educação para todos indistintamente. Segundo essa Lei, a educação é direito de todos e dever ser promovida pelo Estado e pela família com a colaboração da sociedade, visando pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho e, afirma as garantias do ensino à pessoa com deficiência. Mesmo assim são grandes os obstáculos que essas pessoas enfrentam em sua vida escolar que vai desde a falta de conhecimento familiar e da comunidade onde está inserida, até as limitações enfrentadas pelas escolas, destacando a deficitária formação dos professores para lidar com esses sujeitos.

Diante do exposto, sinto a necessidade de relatar as dificuldades que enfrentei enquanto uma pessoa surda, o que justifica o desenvolvimento dessa pesquisa, cujo objetivo principal é avaliar o potencial pedagógico das maquetes como materiais didáticos criados para facilitar a aprendizagem de alunos surdos sobre transformações no campo e na cidade. Como objetivos específicos, definimos compreender o que os autores apresentam como abordagens metodológicas para facilitar a aprendizagem do aluno surdo; planejar e desenvolver uma sequência didática sobre as transformações ocorridas no campo e na cidade a alunos surdos e, avaliar a eficácia da maquete como material didático facilitador da aprendizagem dos alunos surdos.

Os sujeitos que participaram da pesquisa foram 13 alunos surdos dentre os quais 11 do Ensino Fundamental e 02 do Ensino Médio, assistidos pela Escola Áudio Comunicação Padre Paulo Mana

Abordagem metodológica seguiu as diretrizes da pesquisa qualitativa de caráter analítico descritivo. Como técnica de pesquisa, aplicou-se um questionário com perguntas fechadas para os estudantes com o objetivo de averiguar o grau de envolvimento e interesse dos estudantes pela aula e ao mesmo tempo o nível de aprendizagem sobre o tema em estudo, usando a maquete como instrumento facilitador da aprendizagem.

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

2 Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

Nesse percurso, analisamos também a importância da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS e sua relevância para a comunidade surda no município de Parintins-Am, considerando que o aluno pode ser relacionado como uma pessoa que tem perda total ou parcial da audição e que a legislação sobre a educação vigente lhe garante todos os direitos a educação de qualidade, sendo necessário que a escola, bem como qualquer instituição de ensino oferecer a esse aluno acompanhamento de intérpretes de libras, o que permitirá a comunicação e a aprendizagem dos temas em estudo.

Os resultados apontam que a utilização da maquete para ensinar geografia é uma estratégia didática necessária para compreender a forma abstrata de alguns temas que dificultam o processo de aprendizagem de alunos surdos. É importante pensar numa proposta inclusiva para pessoas com deficiência auditiva e a maquete contribui positivamente na questão visual das dimensões geográficas a ser estudadas.

Na condição de estudante surda, vivenciei anos de desafios e adaptações em minha vida escolar até chegar a graduação no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP), onde me deparei com a necessidade de cursar a disciplina Estágio Supervisionado I, e com o compromisso de realizar uma regência, ou seja, ministrar uma aula a estudantes ouvintes onde optei em trabalhar o conteúdo ministrado por meio de maquete, acreditando que facilitaria meu desempenho e ao mesmo tempo a aprendizagem dos estudantes, foi essa experiência que serviu de motivação para desenvolver a presente pesquisa.

Leituras em autores como Perlin (1994), Sassaki (2008) e Cavalcante (2012; 2014) auxiliaram na compreensão sobre o tema e ao mesmo tempo serviram de aporte teórico para embasar as análises e discussões do trabalho.

Para facilitar o entendimento do texto, o mesmo se apresenta dividido em seis seções assim distribuídas:

2 CAMINHOS E DESCAMINHOS DE UMA ESTUDANTE SURDA

Em 1976 ano em que nasci, mau ouvia, porém minha realidade mudou a partir dos meus 5 anos de idade, foi quando adoeci de Meningite, minha história de vida ganha um novo sentido, novos desafios, torno-me uma pessoa surda. Lembro-me do primeiro dia que fui a escola, no

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

2 Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

qual minha mãe me matriculou aos 5 anos idade no jardim de infância. Na época, observava as coisas, com vergonha, não falava nada. Porém minha experiência na escola era com outros surdos, na Escola Santa Izabel, primeira Escola em Parintins de Surdo localizada no Bairro de Santa Clara. Mas se tratando de aprendizado lembro-me não conhecia a libras, nem eu, nem professor, não existia comunicação.

O professor ia pra sala de aula ensinar as letras do alfabeto, aprender a falar e escrever, mas complicado para uma pessoa surda, estudei nesta escola até o meu 3º ano do Ensino Fundamental. Dando continuidade aos meus estudos na Escola de Áudio Comunicação “Pe. Paulo Manna”. Outra realidade, uma escola nova que havia sido construída, no qual os primeiros alunos eram todos surdos na época, pois, não haviam aluno ouvintes matriculados, porém, com o passar do tempo as coisas mudaram no âmbito escolar passam a ser matriculados surdos e ouvintes no qual estes estudam juntos.

No processo de ensino e aprendizagem na Escola de Áudio Comunicação “Pe. Paulo Manna” as primeiras crianças surdas precisavam ser oralizadas, o que isso significa? Que precisavam falar, e eram realizadas práticas do oralismo em sala de aula, com materiais e métodos adequados com o acompanhamento do treino na audiometria, cabine que ficava numa sala específica, assim desenvolvendo o método do Oralismo. Foi um momento difícil, não foi fácil, pois não podia usar a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para se comunicar.

O método de Oralização ocorria através de práticas do sopro no Balão, sopro na vela, fone de ouvido, exercícios com a língua, para trabalha a fala, também com as musculaturas faciais. Para alguns surdos era normal, porém outros não gostavam. A prática da fala na época era importante para a comunicação do surdo com o ouvinte, mas, como compreender o ouvinte? Então a comunicação não era boa, comecei a usar aparelho auditivo e tornando-me também pessoa surda, mas era possível ouvir todos os ruídos e barulhos, o que não foi nada fácil. Tínhamos que aprender a ler os lábios, complicado, nosso esforço era muito grande. Em 1990 ainda jovem aprendemos a LIBRAS na Escola de Áudio Comunicação “Pe. Paulo Manna”, estava no 5º ano, a comunicação começou a melhorar, ao termino do Ensino Fundamental I.

Para dar continuidade aos estudos no Ensino Fundamental II eu e mais 04 surdos colegas de aula fomos matriculados na Escola Estadual Brandão de Amorim, mas tivemos dificuldade, na época não existia o profissional intérprete de LIBRAS, mas, a Escola de Áudio Comunicação “Pe. Paulo Manna” fez parceria com a escola Brandão tendo apoio dos professores para os estudantes surdos. Por exemplo, eu estudava de manhã, apenas copiando conteúdo do quadro, e a tarde retornava à escola para que a professora assistente pudesse explicar em LIBRAS,

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

2 Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

através das escritas, leituras e oralidade, era o novo método de ensino que havia iniciado Comunicação Total, nesse período do nosso processo de comunicação.

E que não foi muito diferente no Ensino Médio no Colégio Nossa Senhora do Carmo, porém a LIBRAS já se fazia presente. Partindo dessa minha realidade, passei a refletir e surgiu as indagações de como seria o processo de um estudante surdo atualmente, nas escolas inclusivas? De que maneira se dá o ensino-aprendizagem, as metodologias e as estratégias dos professores de geografia em sala de aula para estudantes surdos?

3 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO INCLUSIVO NO BRASIL

O colégio Nacional dos Surdos-Mudos atualmente é conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos surgiu em meados do século XIX, a criação dessa escola ficou registrada na Lei nº 839, de 26 de setembro de 1857. O objetivo de fundar uma escola para surdos.

A Declaração de Salamanca documento criado no encontro Mundial em Educação Especial organizada pelo governo da Espanha em cooperação com a UNESCO, realizada em Salamanca entre 7 e 10 de junho de 1994, traz a educação inclusiva como a possibilidade de alunos com deficiência e com outras necessidades educacionais especiais que não frequentavam a escola, passassem a frequentar a escola o documento reforça o direito à uma educação de qualidade e que considere as características e os interesses únicos de cada educando (MENEZES, 2001).

Para entender sobre a inclusão do surdo é importante retratar também um pouco sobre o processo da educação de surdos, esta, tem uma trajetória árdua em busca de uma ampliação para atender a comunidade surda da sociedade, tempos históricos que foram mudados, com novas possibilidades de vida para o povo surdo. Perlin e Strobel (2006) esclarece que “para o povo surdo devem ter sido difíceis as suas vivências durante a antiguidade devido às injustiças sofridas e suportadas, no entanto, o quase silêncio sobre o que se diz em relação a sujeitos surdos é na verdade um sentido revelador”. Os surdos passaram por desprezos de sujeitos ouvintes, muitas vezes invencíveis a condição e limitação da pessoa surda. Porém com lutas e conquistas, anos depois “os sujeitos surdos passam a ser vistos como cidadãos com direitos e deveres de participação na sociedade” (Perlin e Strobel, 2006, p. 32), marco importante para nossas vidas.

A escola como espaço de inclusão, traz em si um meio educacional capaz de estabelecer relações, socializações ao sujeito surdo, principalmente quando consegue desenvolver um

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

2 Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

trabalho bilíngue e acolhedor, essencial para qualquer criança, jovem ou adulto surdo, proporcionando-o acesso a sua língua materna, no caso a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

A importância de se conhecer a história da educação do surdo é compreender suas raízes, trazendo em destaque as lutas e conquistas, como a afirmação da sua identidade, da comunidade surda, da sua língua e da sua cultura, até alcançarem o reconhecimento que têm hoje no qual estas lutas e conquistas fortaleceram o direito da participação de todos os surdos no âmbito escolar, assim contribuindo para o processo da inclusão em todo o mundo.

O contato com a Língua materna do surdo desde a educação infantil é primordial para que de fato o aluno surdo tenha um bom desenvolvimento em seus aprendizados no âmbito escolar. E esse contato com a língua de sinais, que no caso no Brasil é LIBRAS, constitui as identidades existentes em cada sujeito surdo lhe proporcionando novas experiências, ampliando seus conhecimentos e o convívio na diversidade e na inclusão social. “inclusão social como o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade” (Sassaki, 1991, p. 18). Os Sujeitos com necessidades educacionais especiais precisam descobrir na sociedade a possibilidade para o seu desenvolvimento a partir da educação e assim poder entrar no mercado de trabalho e poder ter uma qualificação profissional.

A inclusão vem contribuir para um novo olhar dentro da sociedade, uma perspectiva que abrange a todos serem vistos e respeitados como iguais, participantes ativos no ambiente em que estão. Tratando-se do espaço escolar, “acreditamos, que ao incluir o aluno com deficiência na escola regular, estamos exigindo desta instituição novos posicionamentos diante dos processos de ensino e de aprendizagem, à luz de concepções e práticas pedagógicas mais evoluídas” (Mantoan, 1997, p. 43). Entende-se que o âmbito escolar, ainda que seja regular é fundamental para a pessoa com surdez, não só para seu desenvolvimento cognitivo, mas para interação social, pois está também contribui para seus aprendizados.

O Brasil ainda enfrenta muitos desafios, principalmente com as pessoas com deficiências e necessidades de ensino e aprendizagem especiais, sendo necessário muitas vezes recorrerem à justiça para fazer cumprir seus direitos nos espaços da sociedade. Mas quando se trata de inclusão na educação de pessoas surdas muitas vezes se torna um desafio para todos no âmbito escolar pois o corpo pedagógico em especial o professor nem sempre está preparado, para desenvolver um trabalho com esse público e não sabem quais metodologias ou didáticas vão utilizar. Lacerda (2006, p.167) descreve que:

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

2 Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

A inclusão escolar é vista como um processo dinâmico e gradual, que pode tomar formas diversas a depender das necessidades dos alunos, já que se pressupõe que essa interação/inclusão possibilite, por exemplo, a construção de processos linguísticos adequados, de aprendizado de conteúdos acadêmicos e de uso social da leitura e da escrita.

Os fatores problemáticos sobre essa questão são diversos, no entanto o mais importante é a comunicação que a princípio parece algumas escolas não terem, em algumas o suporte do tradutor interprete se faz necessário, atrapalhando todo processo de ensino-aprendizado do aluno surdo e dependendo do caso, a escola precisa dar início a alfabetização em libras as crianças surdas, para que elas possam ir se desenvolvendo.

A luta do Surdo por direito a educação é um importante direito à comunidade surda brasileira, como isso que deu origem a primeira escola de surdos do mundo ocidental os surdos dependiam dos recursos financeiros das famílias dos surdos e das ajudas de caridades da sociedade por lei como a 10.436/2002, temos no Brasil leis que trabalham com a inclusão de alunos Surdos em escolas de ensino regular a história da educação de Surdos no Brasil.

A LIBRAS é a língua oficial dos Surdos no Brasil reconhecida pela Lei nº 10.436 , sancionada em 24 de abril de 2002 e, regulamentada pelo decreto 5.626/2005. Hoje, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017, p. 57), documento de caráter normativo define que “o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica”, organizando-as em três etapas: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, tem ao longo de sua implementação recebido varia críticas, por não faz distinção entre alunos surdos e ouvintes, nem orienta as discussões já existentes sobre a alfabetização de crianças surdas preconizando a Língua Brasileira de Sinais como primeira língua e o Português, em sua modalidade escrita, como segunda língua.

Esse documento limita-se a destaca as habilidades de leitura e escrita juntamente com práticas diversificadas de letramento, sem destacar ao letramento de alunos surdos. Além disso, menciona que “no eixo Leitura/Escuta, amplia-se o letramento, por meio da progressiva incorporação de estratégias de leitura em textos de nível de complexidade crescente” (BRASIL, 2017, p. 98).

3.1 A surdez como deficiência e não como obstáculo de aprendizagem

A diferença da surdez e deficiência auditiva é a profundidade da perda auditiva, Já na comunidade surda é usuário de LIBRAS e pertence a tal como a LIBRAS é uma forma de

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

2 Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

comunicação que se identifica como pessoa surda gosta de ser chamada de deficiente Auditivo, muitas pessoas surdas não falam porque não aprenderam a falar. Assim como no Brasil falamos português e nos Estados Unidos fala-se inglês, nós surdos falamos LIBRAS e vemos o mundo e apreender a realidade com os olhos.

Sassaki (2007) ao tratar sobre a surdez como deficiência e não como obstáculo de aprendizagem mostra que a história do atendimento educacional para as pessoas com deficiência se apresenta em quatro fases: exclusão, segregação institucional, integração e inclusão. Dessa forma, a dificuldade de aprendizagem do aluno surdo está relacionada principalmente a políticas educacionais que não reconhecem que as diferenças precisam ser consideradas, sendo necessário buscar e garantir o acesso à educação como um direito do ser humano.

Nesse sentido, a educação de crianças com necessidades especiais é um problema educativo causado por políticas educacionais deficitárias que não conseguem preparar a escola e o professor para desenvolver seu trabalho com esses sujeitos, como também o da educação das classes populares, a educação rural, e das crianças de rua, a dos presos, a dos indígenas, dos analfabetos, etc. (Sassaki, 2007).

Entende-se que a proposta de educação inclusiva como remoção de barreiras para a aprendizagem e para a participação tem como pressuposto que todos somos capazes de aprender. Nesse sentido, a proposta inclusiva diz respeito a uma educação de qualidade para todos, que atenda a diversidade de característica do alunado individualmente.

É ter uma cultura própria com sua habito natural a pessoa com surdez sofre devido a problemas na comunicação. LIBRAS é a língua de sinais usada pela comunicação de surdos no Brasil e já foi reconhecida pela Ler. A LIBRAS é considerada uma muito bem seja a melhor de comunicação entre os surdos a aprender é alfabetizada primeiro em LIBRAS e por não entender bem o português. O aparelho auditivo ou o implante coclear podem ou não resolver o problema de audição e surda e parte dela usa a LIBRAS como auxílio para comunicação.

4 O DESAFIO DE ENSINAR GEOGRAFIA PARA ALUNOS SURDOS

O professor de sala aula muitas vezes se deparam com desafios quando encontram pessoas com necessidades educacionais especiais, não seria diferente com relação ao aluno surdo. Esses desafios os preocupam devido à falta de conhecimento da Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS e de pensar: como trabalhar com alunos surdos? Quais estratégias,

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

2 Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

metodologias utilizar em seu ensino e aprendizagem? Mas, vale ressaltar que para encontrar estas respostas, se faz necessário o professor ir em busca de conhecimentos do processo histórico, cultural e língua de sinais. Conhecer estes pontos irá contribuir para uma melhor socialização, proporcionar melhor diálogo e aprendizados significativos para alunos surdos.

Quanto aos desafios encontrados pelos professores de geografia para alunos surdos, acredita-se que esse ensino deve ser pautado no conhecimento das interações entre professor, conteúdo, aluno, interprete e que todos os profissionais incluídos dentro da escola devem ter domínio e fazer uso da Língua Brasileira de Sinais para uma melhor inclusão do discente surdo, inclui-se ainda nesse conjunto de sujeitos a família base central de apoio para todo processo educativo.

No entanto, só dominar a Libras para sua utilização na comunicação com alunos surdos não garante a aprendizagem dos conteúdos geográficos. Para que haja aprendizagem as aulas para esses estudantes devem ser planejadas de forma que o aluno surdo consiga entender os processos sociais que se processam no espaço geográfico, bem como o surdo entenda que o objeto desta ciência dinâmica que está em constante transformação. Por isso, nas aulas de geografia há a necessidade de interação entre o professor e interprete, pois, só assim, as metodologias adequadas poderão contribuir para melhor compreensão por parte dos alunos dos conteúdos geográficos e sua aplicabilidade no âmbito social.

Diante do exposto, cabe à escola disponibilizar meios para que o professor possa planejar metodologias adequadas e recursos que viabilizem o efetivo aprendizado do aluno surdo dentro de um contexto de inclusão. E, na pesquisa, muito se observou sobre a relevância do uso de diversificadas metodologias e recursos didáticos como as maquetes, leitura de imagens, jogos pedagógicos em Libras que funcionam como ferramentas capazes de facilitar sua compreensão.

Dentro deste processo de ensino e aprendizado do surdo com o apoio de intérpretes para mediar essa comunicação, busca-se por meio desse, o processo de inclusão em sala de aula. Cavalcanti (2002, p.72) retrata que a escola é “[...] um espaço de encontro e de confronto de saberes produzidos e construídos ao longo da história pela humanidade. A escola lida com a cultura, seja no interior da sala de aula, seja nos demais espaços escolares.

Os professores enfrentam desafios porque não tem comunicação, não buscam formação e informações nesta área, desconhecem a pedagogia surda, que é uma proposta pedagógica de se trabalhar com o surdo partindo de materiais didáticos adaptados com imagens, língua de sinais, vídeos, filmes, teatros, música, assim desempenhando um trabalho no bilinguismo, na

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

2 Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

qual envolve a LIBRAS (L1, primeira língua) e a Língua Portuguesa (L2, segunda língua) são um modelo de ensino e aprendizagem que vem contribuindo no processo educacional. com isso vem “favorece o desenvolvimento cognitivo e alarga os horizontes mentais, ampliando o pensamento criativo, além de permitir um acesso maior à comunicação” (Monte; Santos, 2004, p. 2).

4.1 O papel do intérprete no processo de transmissão da informação

A presença de intérpretes de Libras no âmbito escolar para alunos surdos é fundamental, no entanto o processo de inclusão em algumas escolas é um pouco lento, as vezes existindo a necessidade de a família recorrer na justiça pelos direitos estabelecidos por lei. Para garantir esses direitos, Brasil (2004, p. 25) define quais são as competências e responsabilidades desse profissional, dentre os quais destaca: a confiabilidade, a imparcialidade, a discrição, a fidelidade cujo objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito, sem acréscimos ou opinião de juízo próprio.

Outro fator limitante dessa profissão é que existem ainda no mercado de trabalho professores que não tem o domínio completo da LIBRAS, para viabilizar a comunicação entre aluno surdo e comunidade escolar ouvinte. Sobre essa questão, Santos (2013), alerta que o tradutor intérprete em sala de aula promove a relação de diálogo entre o aluno e o professor, será ele que fará escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo para que a informação seja, portanto, apropriada ao máximo da sua real mensagem pelo aluno, sendo necessário portanto que o intérprete de libras esteja em constante aperfeiçoamento sobre seu trabalho isso porque, a formação é muito específica e técnica, qualquer pessoa pode aprender a Língua de Sinais, entretanto, somente o tradutor intérprete conseguirá em sua atuação entender as técnicas para interpretar a mensagem e dar o sentido que o aluno precisa compreender dentro do conteúdo escolar (Santos, 2013)

5 PRESSUPOSTOS METODOLOGICOS DA PESQUISA

Visando alcançar o objetivo deste estudo, optou-se por adotar uma abordagem metodológica qualitativa de caráter analítico descritivo. A abordagem qualitativa aprofunda-se nos significados das ações e das relações dos sujeitos possibilitando, a realização de análises mais profundas dos fenômenos sociais (MINAYO, 1994; GODOY, 1995). Já a pesquisa

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

2 Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

descritiva, configura-se como um importante elemento no estudo com pessoas, pois fornecem dados mais precisos do grupo ora pesquisado (GODOY, 1995; GIL, 2008).

Os participantes da presente pesquisa são estudantes da rede Estadual de Ensino e Municipal de ensino e estão cursando tanto o Ensino Fundamental II, quanto o Ensino Médio. Optou-se por agrupar os estudantes de nível de ensino diferentes por entender que o tema em estudo, pode ser tratado e faz parte da proposta curricular de ambos níveis de ensino. Esses estudantes são surdos mas que valendo-se do processo de inclusão preconizada pela LDB, estão frequentando as escolas de ensino básico do município de Parintins/AM. Esses estudantes, em seu cotidiano escolar possuem um Interpretador de Libras que lhe acompanha no desenvolvimento das atividades em todas as disciplinas escolares.

Obedecendo o que foi proposto nos objetivos, fez-se necessário o desenvolvimento de uma atividade junto aos estudantes. Essa atividade correspondeu a uma sequência didática cujo tema explorado foi: **Urbanização e transformações no campo e na cidade**. Tendo em vista que uma sequência didática se constitui como um conjunto de atividades pedagógicas desenvolvidas para facilitar a aprendizagem (Jacaúna, 2012), esta valeu-se de uma aula expositiva dialogada, leitura e análise de imagens, construção de uma maquete interativa, etc.

Como instrumentos de coleta dos dados, após o desenvolvimento da sequência didática foi aplicado um questionário com perguntas fechadas. Nesse sentido o questionário se caracteriza como uma técnica de investigação que tem como propósito obter informações de domínio e conhecimento dos respondentes (Marconi; Lakatos, 2003). Após a coleta, os dados reunidos através dos questionários foram ponderados segundo a análise de conteúdo, a fim de encontrar inferências confiáveis de dados e informações advindas de determinado contexto. O método de análise de conteúdo para Bardin (2009) se constitui de três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados onde são feitas “a categorização, que consiste na classificação dos elementos, segundo suas semelhanças e por diferenciação, com posterior reagrupamento, em função de características comuns” (Bardin, 2009, p. 46).

5.1 Os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos participantes dessa pesquisa são 13 estudantes surdos assistidos pela Escola de Áudio Comunicação Padre Paulo Mana. A escola Paulo Nana está localizada na rua Nações Unidas na cidade de Parintins/Am. Ver figura 1.

Figura 1: Escola de Áudio Comunicação Padre Paulo Mana

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

2 Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA



Fonte: Gláucia Santos, 2023.

O Idealizador do projeto da Escola de Áudio Comunicação Pe. Paulo Manna em Parintins foi o Padre Emílio Buteli, responsável por fundar uma escola voltada para os surdos e mudos no município. Falar da Escolar "Pe. Paulo Manna" significa também falar de nomes de missionários importantes da história religiosa de Parintins Dom Arcangelo Cerque Pe. Francisco Lupino e Dom Giuliano Frigeni.

Atualmente a escola desempenha o bilinguismo, levando os alunos surdo a se desenvolver, interagir em diversas atividades em sala de aula. Na escola Paulo Manna, os profissionais que atuam, respeitam a cultura da comunidade surda, com relação aos seus aprendizados. Nela, há o desempenho em desenvolver um trabalho que atenda às necessidades dos alunos e a expectativa de suas famílias.

A Escola de Áudio Comunicação "Pe. Paulo Manna" oferece Educação Infantil e Ensino Fundamental de 1º a 5º ano, preparando seus alunos para a inserção ao Ensino Regular. Os cursos realizados compõem o Programa de Ensino Básico regular e os Programas Educacionais complementares. Nesse educandário, os estudantes têm aulas de artesanato, Informática, Educação Física, natação e outras modalidades esportivas.

Através de parceria da Secretaria Municipal de Educação-SEMED, a escola conta com a disponibilização de professora, funcionários (vigia, motorista, auxiliar administrativo, monitor escolar, auxiliar de serviços gerais e cozinheira) e merenda escolar, com o Estado, convênio com a SEDUC (disponibilização de professores) e a nível Federal, conta com recursos do Programa Apoio a Pessoa Portadora de Deficiência (APPD).

A escola tem como objetivo principal espelhar e contemplar a plenitude do ser humano formando o aluno para competência e desenvolvimento de sua potencialidade não somente na

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

2 Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

escola, mas no mercado de trabalho, em sua família e em todos os âmbitos da sociedade e, como missão oferecer educação inovadora, que promova a excelência humana, através de um ambiente acolhedor e estimulador, favorecendo a cidadania, a inserção cultural e social, a construção de valores, autonomia e a orientação para vida.

De acordo com informações obtidas na escola, o público alvo em 2023 foram cem estudantes de 04 a 70 anos com necessidades educacionais especiais, ou seja, alunos Surdos, ou com Deficiência Auditiva, Múltipla Deficiência, TDAH, TEA, Deficiente Físicos, Deficiente Intelectual, com Transtorno de Aprendizagem na Escrita e Cálculo e Transtorno Não Verbal de Aprendizagem. A esses estudantes, a escola oferece terapia cognitiva, dando suporte para os professores de sala de aula com atendimento individualizado, em duplas ou em pequenos grupos, proporcionais às necessidades de cada aluno.

Quanto a Educação Bilíngue, trabalha com o aperfeiçoando o Surdo em sua própria língua e na escrita da língua portuguesa, estudo de libras para alunos ouvintes, oferecendo condições do ouvinte se comunicar com o Surdo, estabelecendo assim uma interação harmoniosa. No ensino religioso, realiza aulas temáticas utilizando vídeos, slides, dramatização, músicas e palestras, trabalhando valores religiosos, morais, éticos, preparando os alunos para uma vida humanizada.

Para além dos serviços citados, a escola também oferece ensino de informática, brinquedoteca, artesanato, teatro, aulas passeio e assistência a saúde com: encaminhamentos para atendimento odontológico, neurológico, clínico, fisioterápico, nas Unidades e Postos de Saúde do Município.

5.2 A sequência didática e a construção de símbolos de representação por meio da maquete

Fazer material didático para as aulas de geografia é importante para que desperte nos alunos a curiosidade pelo que está sendo estudado. Assim, todos os alunos tem a possibilidade de adquirir conhecimento de formas diferentes, sendo capazes de “desenvolver o pensamento espacial, estimulando o raciocínio geográfico para representar e interpretar o mundo em permanente transformação e relacionando componentes da sociedade e natureza”. (BNCC, 2017, p. 360)

Na sequência didática desenvolvida junto aos alunos surdos da escola Paulo Mana, foi apresentada conteúdos de tal maneira que incentive os alunos a refletir sobre a temática que estava sendo abordada. Nela, buscamos trabalhar de forma que os estudantes compreendessem

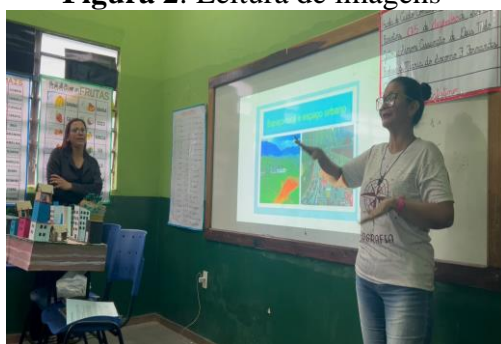
1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

2 Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

quais são os fatores responsáveis pelas mudanças no espaço urbano e no espaço rural, destacando os fatores que influenciam essas mudanças.

A princípio, em uma dinâmica de leitura e análise de imagens, os estudantes foram convidados analisar algumas imagens apresentadas. Depois disso, a pesquisadora que também é surda, usando a linguagem de sinais explicou aos estudantes os fatores responsáveis pelas transformações vistas tanto nas imagens que representam o campo quanto nas imagens que representam as cidades. Depois, convidou os estudantes para construírem uma maquete interativa onde a retirada ou inserção de alguns elementos na maquete mostravam como essas mudanças se tornavam visíveis e facilitavam a compreensão sobre o tema em estudo, Ver figura 2 e 3.

Figura 2: Leitura de imagens



Fonte: Gláucia Santos, 2023.

Figura 3: Uso da maquete



Fonte: Gláucia Santos, 2023.

Os trabalhos relacionados e desenvolvidos com maquetes na área da geografia vêm proporcionar em sala de aula ou no âmbito escolar a interação, reflexão e participação dos alunos envolvidos, assim promovendo ações no processo de ensino-aprendizado e principalmente por meio da reflexão. Nesse sentido, os estudantes ao manusearem os elementos que constituem uma paisagem urbana e uma paisagem rural, conseguem perceber elementos específicos de cada paisagem e assim perceber como essas paisagens se transformam.

Nossa proposta de atividade em sala de aula veio trazer uma reflexão sobre as características e desenvolvimento da paisagem rural e da paisagem urbana, o processo do aumento da população nessas áreas, situações de migração que contribuem o aumento populacional e muitas vezes contribuem para o surgimento de cidades ou vice-versa. Vale ressaltar que o processo de urbanização tem também como fator que contribui para estes desenvolvimentos é a questão da indústria e agronegócio a modernização do campo, que acaba sendo atrativos para gerar emprego.

Ao dialogar em sala de aula após a explicação sobre as características básicas responsáveis pelas transformações de uma área urbana e área rural, foi percebemos que os

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

2 Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

alunos compreenderam as explicações, primeiramente através da análise de fotografias e ao longo da aula explicativa e apresentação das maquetes, na qual uma apresentava edificações, ruas, calçadas transportes, rios e os resíduos sólidos entre outras atividades e atendimentos e trabalhos desenvolvido nas cidades, zona urbana.

Essa prática pedagógica de sala de aula foi importante para o desempenho do aprendizado dos alunos surdos, a aula foi desenvolvida em libras, tendo como suporte os slides e imagens, além de apresentamos as maquetes, nas quais os alunos surdos participaram da montagem das mesmas. Com tudo percebemos a importância do conhecimento através da aula dialogada e que essa metodologia trouxe resultado construindo conhecimento, uma produção e ressignificação do entendimento dos participantes.

6 AVALIAÇÃO DA EFICÁCIA DA MAQUETE COMO MATERIAL DIDÁTICO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS SURDOS.

A Geografia como disciplina escolar, por sua própria dinâmica de construção do conhecimento carece de atividades pedagógicas capazes de proporcionar a compreensão do espaço geográfico, caracterizado pelas relações existentes entre a sociedade e a natureza. É essencial que salas de aulas frequentadas tanto por alunos ouvintes quanto por alunos surdos haja recursos didáticos que diminuam as dificuldades de aprendizagem.

Tanto a utilização de imagens fotográficas quanto o uso de maquetes usadas como ferramenta motivadora do ensino para alunos surdos, contribuem com o letramento visual e segundo Silva, Kauchakje e Gesueli, (2003, p. 164), “consideram que está na hora de olhar pra essa modalidade que vem sendo subestimada no seu valor semiótico e na sua função como mediador da aprendizagem”.

Foi pensando na necessidade de facilitar a aprendizagem dos alunos surdos sobre temas geográficos que essa pesquisa se propôs a investigar a eficácia das maquetes e seus elementos visuais constituintes como facilitadora da compreensão sobre temas geográficos para alunos surdos. Suas respostas serão apresentadas e analisadas seguindo os quadros abaixo.

Quadro 1: Sobre o tema: Transformações no Campo e na Cidade

Perguntas	Sobre o tema: Transformações no Campo e na Cidade		
Categorias	Você já conhecia	Você não conhecia	Aprendeu agora
Resposta	13	00	02

Fonte: Gláucia Santos, 2023.

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

2 Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

Diante do tema trabalhado com os estudantes por meio da sequência didática, foi perguntado sobre seu conhecimento a respeito das transformações ocorridas no campo e na cidade. Os treze estudantes, participantes da pesquisa responderam que de alguma forma já conheciam, porém dois deles consideraram estar vendo esse tema pela primeira vez. Ao analisar esses dados, não podemos perder de vista que existe uma relação complexa entre as paisagens o campo e cidade no Brasil que permanentemente passaram por intensa metamorfose, não só porque houve uma mudança nos seus conteúdos e nas suas formas, mas, também, devido às possibilidades que vem se constituindo como vínculos de influência de um sobre a outra (Suzuki, J. C. 2012).

Para os estudantes por terem uma vivência em uma cidade como Parintins, e conhecendo as constantes ocupações de terra, realizadas por pessoas que vieram do campo por terem perdido suas terras, plantações ou por conta das grandes enchentes ou vazantes ocorridas em consequência das mudanças climáticas; ou vindo para cidade em busca de trabalho e melhores condições de vida, reivindicando um espaço para morada e, aliado ao que já foi visto em aulas de geografia no espaço escolar, essas questões lhes trazem segurança para afirmarem que já conheciam o tema em estudo, o que vai de encontro com o pensamento de Cavalcante (2012, p.130) ao afirmar que “a geografia é uma leitura da realidade e não um amontoado de tópicos de conteúdo”.

Na sequência, ao serem questionados sobre a sequência didática enquanto uma forma dinâmica de ensinar, por ser constituída de atividades diferenciadas que visam como objetivo central a aprendizagem (Jacaúna, 2012), afirmam que é uma metodologia dinâmica capaz de despertar o interesse dos estudantes sendo necessário “ser elaborado seguindo um modelo que visa atingir um objetivo, neste caso o aprender dos educandos” (Barbosa et al, 2023, p. 15) e que muitas vezes, para alcançar esse objetivo é preciso utilizar a criatividade para fomentar o interesse e a participação do público-alvo (Sasaki, 2008). Ver respostas no quadro 2.

Quadro 2: A sequência didática facilitadora da aprendizagem de alunos surdos

Perguntas	Pra você, essa forma de ensinar facilita a aprendizagem de alunos surdos?		
Categorias	Facilita	Não facilita	Não faz diferença
Resposta	13	00	01

Fonte: Gláucia Santos, 2023.

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

2 Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

A análise que se faz diante das respostas dos estudantes a essa questão, apontam sua eficácia por acreditarem que a Sequência Didática por ser um conjunto de atividades articuladas que são planejadas com a intenção de atingir determinado objetivo didático, chamam a atenção dos alunos para participarem ativamente das atividades. Essa participação quando de alunos surdos que utilizam outros sentidos como a visão e o tato como caminho de construção do letramento visual, compreendido como a habilidade para ler imagens, símbolos e objetos do seu entorno ou cotidiano (Silva, Kauchakje e Gesueli, 2003).

Procurando entender por que uma das respostas se direciona para a opção “*não faz diferença*”, compreendemos que as formas que facilitam ou não nossa aprendizagem vai além do que é proporcionado pela escola, ela também está ligada as nossas expectativas, aos nossos anseios e a nossa forma de pensar. Sobre isso, eu enquanto aluna surda e com um pequeno domínio de leitura labial, nem sempre via com empolgação filmes ou vídeos trabalhados nas aulas, as vezes mesmo que tivessem legenda, pra mim, eles se tornavam cansativos, reforçando a ideias de que somos singulares e aprendemos por meio de estímulos diferentes.

Ao procurar entender o posicionamento dos estudantes quanto a viabilidade da utilização da maquete para estudantes surdos, considerando-se que a educação inclusiva Segundo Mantoan (2003, p. 97), deve ser entendida como “uma tentativa a mais de atender as dificuldades de aprendizagem de qualquer aluno no sistema educacional e como meio de assegurar que os alunos que apresentam alguma deficiência tenham os mesmos direitos que os outros”, sendo necessário a utilização de várias metodologias para o ensino de Geografia em salas de aula com alunos surdos e ouvintes a fim de averiguar a validade de cada uma das possibilidades pedagógicas usadas, ou seja, se é possível seu aproveitamento em sala de aula com os dois grupos de alunos.

Para Simielli et al. (1992, p. 6) “a maquete permite uma concreta manipulação e visualização, em terceira dimensão (3D), de diferentes dados e informações, construída a partir de uma base cartográfica plana, em duas dimensões (2D)”, podendo ser usada, principalmente, por estudantes do ensino fundamental que ainda apresentam um nível de abstração insuficiente para a interpretação de mapas e cartas hipsométricos. Nesse sentido, “[...] a maquete aparece como o processo de restituição do 'concreto' (relevo) a partir de uma 'abstração' (curvas de nível), centrando-se aí sua real utilidade, complementada com os diversos usos deste modelo concreto trabalhado pelos alunos.

Ao apresentar uma maquete interativa aos estudantes sendo possível introduzir ou retirar elementos formadores da paisagem rural e da paisagem urbana, contribuindo com sua

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

2 Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

transformação, perguntamos aos estudantes se as maquetes deixam as aulas mais interessantes. Ver respostas no quadro 3.

Quadro 3: As maquetes deixam as aulas mais interessantes?

Perguntas	Pra você, as maquetes deixam as aulas mais interessantes?		
Categorias	Deixam	Não deixam	Não faz diferença
Resposta	13	00	00

Fonte: Gláucia Santos, 2023.

O posicionamento dos treze estudantes foi positivo confirmando que quando as aulas são organizadas com a ajuda de maquetes, a apreensão e a identificação dos objetos, como também os esclarecimentos dos conteúdos, são mais bem aproveitados, possibilitando o surgimento de uma série de curiosidades e interesses voltados para os componentes presentes nas maquetes.

Um alerta importante para os professores é compreender que no momento em que os alunos - sejam eles ouvintes ou surdos – e que estejam trabalhando com a maquete consigam, de acordo com seu nível cognitivo, construir o seu conhecimento. Essa construção se faz a partir das informações que os elementos da maquete representam, assim como de informações que possam ser sobrepostas à maquete e trabalhados para a elaboração de conceitos e de fenômenos geográficos estudados (Simielli et al. 1992).

Diante do exposto, compreendemos que utilização da maquete para ensinar geografia é uma estratégia didática necessária para auxiliar a compreensão de questões abstratas que dificultam o processo de aprendizagem de alunos surdos. É importante pensar numa proposta inclusiva para pessoas com deficiência auditiva. A maquete contribui na questão visual das dimensões geográficas a ser estudadas.

No entanto descrevendo essas linhas reflito enquanto uma aluna surda que passei por todas dificuldades desde o início de minha escolarização e, escolher pesquisar esse tema é acreditar que essa pesquisa poderá contribuir no futuro para outros alunos surdos.

De todas as questões apresentadas aos estudantes e que tivemos os resultados das respostas mais complexa foi a que trata sobre as mudanças percebidas na cidade de Parintins, com resposta apresentadas no quadro 4.

Quadro 4: É possível ver as mudanças que você aprendeu em sua cidade?

Perguntas	Pra você, é possível ver as mudanças significativas em sua cidade?		
Categorias	Já percebeu	Só algumas	Não percebeu
Resposta	02	09	02

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

2 Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

Fonte: Gláucia Santos, 2023.

Para analisar essa questão e as respostas dos estudantes, precisamos enumerar algumas transformações ocorridas em Parintins nas últimas décadas. E se para nós que somos adultos muitas vezes essas mudanças passam despercebidos, para crianças e jovens essa percepção possa ser mais abstrata.

Para os estudantes, as principais mudanças estão relacionadas a construção de prédios, pavimentação de ruas, abertura de novos empreendimentos, construção de escolas, hospitais. Essas são mudanças que nem sempre temos em nossa cidade. Esses fatores podem ser os responsáveis para as respostas onde somente dois alunos perceberam essa mudança. O entendimento dos dois pode ser justificado por cursarem o ensino Médio e já terem maior conhecimento sobre o tema, entendimento proporcionado por uma maior formação cognitiva e pela “formação de suas espacialidades cotidianas, em seu mundo vivido e contribuindo para a compreensão de espaços geográficos mais amplos” (Cavalcante, 2012, p. 56), logo conseguem perceber maiores transformações na cidade.

Por outro lado, nove alunos mesmo que de forma parcial já conseguem identificar essas transformações, seja no âmbito estrutural da cidade ou, no âmbito social ao identificarem o aumento de áreas habitadas como novos bairros e conjuntos habitacionais. Constituindo um outro grupo de resposta, dois alunos não conseguem perceber essas transformações, levando-nos a concluir que essa dificuldade de compreensão carece de novas abordagens metodológicas, com o objetivo de oferecer diversas possibilidades e formas de compreensão sobre as mudanças espaciais locais. Diante dessa possibilidade de compreensão é que o conhecimento se constrói, resultando segundo Cavalcante (2013, p. 136) “de uma aproximação do sujeito à realidade, com base em uma perspectiva vista como conteúdos escolares”, considerando que esse sujeito com dificuldade de compreensão das mudanças espaciais ocorridas em seu meio de vivência seja ele ouvinte ou surdo.

CONCLUSÃO:

A educação é direito de todos e dever ser promovida pelo Estado e pela família com a colaboração da sociedade. Diante do exposto, sinto a necessidade de relatar as dificuldades que enfrentei enquanto uma pessoa surda, o que justifica o desenvolvimento dessa pesquisa, analisar o potencial pedagógico das maquetes como materiais didáticos criados para facilitar

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

2 Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

a aprendizagem de alunos surdos sobre urbanização das cidades é importante pensar estratégias de ensino.

Averiguar as dificuldades encontradas pelos professores no que se refere a ensinar conceitos e temas de geografia para alunos surdos, encontrar sinais específicos que em confeccionar o próprio material e aplicar uma aula expositiva sobre urbanização das cidades a alunos representem elementos pertinentes ao tema proposto em sala torna essa pesquisa necessária, o professor pensar surdos é muito significativo.

Todo esse trabalho me possibilitou averiguar de forma positiva a eficácia da maquete como material didático facilitador da aprendizagem dos alunos surdos. Para mim como professora em formação foi gratificante perceber que o ensino de geografia se torna mais prazeroso e significativo aos estudantes surdos quando a aula é pensada e planejada levando-se em conta a necessidade desses estudantes. Também como estudante surda posso afirmar que somos pessoas que olham o mundo e aprendemos por meio desse canal visual, é necessário transformar nossa forma de ensinar para alcançarmos o conhecimento considerado importante no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos.

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

2 Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

REFERÊNCIA

BARBOSA, L. C; ARANTES, S. da S.; ESPÍRITO SANTO, A. C. do; LEGsequencia didática EY, A.; MÓL, A. C. de A. **Sequência didática**: aplicação prática de como desenvolver o trabalho pedagógico na escola com os recursos tecnológicos. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, nº 47, 5 de dezembro de 2023.

BARDIN, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa edições, 70, 225.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 15. set. 2023.

BRASIL. O tradutor e interprete de língua brasileira de Sinais e língua portuguesa. Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC/SEESP, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>. Acesso: 30/01/2024.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB** Lei Nº9.394/96, de 20 de dezembro 1996.

CAVALCANTE, Lana de Souza. O ensino de geografia na escola. – Campinas, SP, Papirus. 2012. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

CAVALCANTE, L. de S. (2014). Jovens escolares e a cidade: concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. *Caderno Prudentino De Geografia*, (35), 74–86.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

JACAÚNA, Carmen L. F. dos S. O tema água como incentivador na Alfabetização Ecológica dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. – Manaus: UEA, 2012.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. **A inclusão escolar de alunos surdos**: o que dizem alunos, professores e interpretes sobre esta experiência. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006. Disponível: < <http://www.cedes.unicamp.br>> acesso em: 17/08/2023

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A Integração de pessoas com deficiência**: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Memnon. Editora SENAC, 1997.

MANTOAN. Maria Teresa Eglér. **INCLUSÃO ESCOLAR**: o que é? por quê? como fazer? — São Paulo :Moderna, 2003. — (Coleção cotidiano escolar)

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

2 Professora Dra. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria; Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MENEZES, E. T. Verbete Declaração de Salamanca. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <<https://educabrasil.com.br/declaracao-de-salamanca/>>. Acesso em 01 fev. 2024.

MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte**: o desafio da pesquisa social. In: . (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.

PERLIN, Gladis e STROBEL, Karin. **Fundamentos da Educação de Surdos**. Florianópolis, 2006.

SANTOS, Vera Lúcia Maria dos. A inclusão de alunos surdos na Educação Infantil na Rede Pública. Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao Curso de Pedagogia Modalidade a Distância da UFPB como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação. 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/3559/1/VMS02102013.pdf>. Acesso: 30/01/2024.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Nomenclatura na área da surdez**. In: CURSO de terminologia sobre deficiência, 15 agosto 2008. Praia Grande: Prefeitura Municipal, Seduc, 2008.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: Construindo um mundo para TODOS**. Coleção Inclusão. Rio de Janeiro: VWA, 2007

SILVA, I.R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. Cidadania Surdez e Linguagem – Desafios e Realidades- 2ª ed. - São Paulo – Plexus, 2003.

SIMIELLI, M. E. R. et al. Do plano ao tridimensional: a maquete como recurso didático. In: Boletim Paulista de Geografia, nº 70, AGB, São Paulo, 1992, p. 5-21

SUZUKI, J. C. (2012). CAMPO E CIDADE NO BRASIL: Transformações socioespaciais e dificuldades de conceituação. *revista nera*, (10), 134–150.
<https://doi.org/10.47946/rnera.v0i10.1429>